

A PRESENÇA DA ‘ACTIVIDADE BALEEIRA’ DOS AÇORES NO MUSEU DE MARINHA (LISBOA)

por
FERNANDO JOSÉ CORREIA CARDOSO*

“Desde os tempos mais recuados que os cetáceos exercem no homem um misto de temor e atracção, de fascínio e sedução. As baleias fascinaram, fascinam e sempre fascinarão o Homem”.

JOÃO A. GOMES VIEIRA, *O Homem e o Mar: Embarcações dos Açores*, 2002.

INTRODUÇÃO

A visita a um museu constitui sempre um motivo de estímulo intelectual, pelo facto de nos permitir ‘viajar’ pelo tempo e apreender, através do património exposto, o sentido e o alcance das realizações humanas que merecem ser dadas a conhecer, tendo em conta o seu valor e os benefícios que proporcionam à sociedade em geral.

O presente texto pretende transmitir as minhas impressões recolhidas aquando de uma recente visita ao Museu de Marinha, em Lisboa.¹ O Museu acolhe um espólio vastíssimo e nele se podem encontrar certos elementos que retiveram a minha atenção e que justificam as reflexões que aqui gostaria de deixar. Estes elementos referem-se à ‘actividade baleeira’ dos Açores, e encontram-se patentes, essencialmente, na ‘Sala da Pesca Costeira’ e no ‘Pavilhão das Galeotas’. Terei oportunidade, mais adiante, de elaborar, com

* Assessor Jurídico na Direcção-Geral dos Assuntos Marítimos e das Pescas da Comissão Europeia.

¹ Visita efectuada em Abril de 2014. As impressões aqui deixadas referem-se aos elementos do património expostos nesta data.

algun pormenor, sobre este património. Devo referir, além disso, que o meu interesse por esta temática provém do facto de ter exercido, no período compreendido entre 1980 e 1984, as funções de Chefe do Gabinete do Secretário Regional da Agricultura e Pescas do Governo Regional dos Açores e de Coordenador da ‘Comissão Baleeira Regional’ e de, nessa qualidade, ter integrado, em representação da Região, a Delegação Portuguesa à Comissão Baleeira Internacional. Tive, assim, oportunidade de contactar de perto e de trabalhar com os agentes económicos e com os actores institucionais ligados à actividade, não tendo nunca deixado de acompanhar a evolução jurídica e elementos de outra índole que permitem enquadrar a actividade, a nível nacional ou internacional. Neste contexto, participei em dois momentos muito importantes para a actividade na Região: ‘*Preparatory Meeting to Improve and Update the International Convention for the Regulation of Whaling, 1946*’ (ICRW)², que teve lugar em Reykjavik, na Islândia, em Maio de 1981, e a Conferência ‘*Whales Alive! A Global Conference on Non-Consumptive Utilisation of Cetacean Resources*’, organizada em Boston, nos E.U.A, em Junho de 1983. Torna-se interessante verificar que estes dois momentos tiveram repercussões nos Açores, a prazo, pois o seguimento que lhes foi dado traduziu-se em práticas que se revelaram em consonância com alguns dos objectivos preconizados por estas reuniões: a utilização não-letal de espécimes (corporeizada nomeadamente na observação de cetáceos – *whale watching* – tendo-se a Região alancorado a um dos lugares cimeiros, a nível mundial, em termos de boas práticas neste domínio) e a consideração de medidas de conservação e acompanhamento de pequenos cetáceos. A este propósito, não nos podemos esquecer do facto de a Delegação Portuguesa, na reunião de Reykjavik, ter defendido a inclusão expressa, no articulado da Convenção de Washington de 1946, de cláusulas visando a protecção de pequenos cetáceos.

O texto de que agora nos ocupamos fornecerá pistas de reflexão que se encontram para além da estrita observação que me foi dado efectuar aquando da visita ao Museu, permitindo situar as peças expostas no contexto mais vasto dos aspectos que devem ser tidos em conta quando se aborda aquilo que constituiu uma realidade hoje temporalmente localizada.

² ‘*International Convention for the Regulation of Whaling*’ (ICRW) na designação oficial, adoptada em Washington em 2 de Dezembro de 1946.

A EVOLUÇÃO DO CONTEXTO JURÍDICO-INSTITUCIONAL

Como já referi neste local, “*é geralmente reconhecido o grande relevo económico, social e cultural da actividade baleeira desenvolvida pelas comunidades açorianas ao longo dos tempos*”.³ Aí mencionei igualmente que a envolvente internacional (adopção de um regime comunitário, em 1981, de importação dos produtos extraídos dos cetáceos destinados a fins comerciais; adopção da suspensão, com efeitos a partir de 1986, pela Comissão Baleeira Internacional (CBI), da actividade com fins comerciais; a interdição, para os pescadores comunitários, em 1997, da captura de baleias em alto mar e do desembarque de capturas no território da Comunidade; a aplicação, na Comunidade, da Convenção sobre o Comércio Internacional das Espécies da Fauna e da Flora Selvagens ameaçadas de extinção, que inclui o cachalote no seu Anexo I, determinou a cessação da captura de espécimes, assim se dando origem, nos momentos ulteriores, a novas formas de ‘actividade baleeira’, como veremos adiante. Aliás, a Directiva europeia ‘*Habitats*’, de 1992, veio estabelecer que todas as espécies de cetáceos devem ser objecto de protecção rigorosa (que se traduz, de acordo com este texto legal, na interdição de captura ou abate nas águas comunitárias, bem como a detenção, o transporte e o comércio ou troca de espécimes capturados no meio natural).

Por outro lado, convirá ter consciência do facto de que o País continua a empenhar-se devidamente nas negociações internacionais dedicadas à actividade, fazendo evoluir o seu estatuto de observador para o de Estado-membro da CBI, em 2002, e desempenhando papel activo nas instâncias respectivas. Não podemos esquecer que o nosso País acolheu, em 2009, a Reunião Anual da CBI e que, nesta reunião, foi eleito para o Comité Consultivo, para um mandato de dois anos, tendo o comité ficado constituído por representantes do Chile, Antigua e Barbuda, Austrália, Costa do Marfim e Portugal.

³ Cf. Fernando José Correia Cardoso, “A Política Comum de Pescas da União Europeia. O quadro jurídico respectivo e a sua aplicação na Região Autónoma dos Açores” in *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, n.º 18, 2009, pp. 103-127.

A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO BALEEIRO

A salvaguarda do património cultural deve assumir-se hoje como o pano fundo em que se inscrevem, por um lado, a preservação dos elementos que nos dão a conhecer, nomeadamente, as actividades que tiveram lugar em determinadas épocas e, por outro, o conjunto de acções que se estima deve ser levado a efeito para o valorizar e proporcionar uma imbricação entre esse legado e as oportunidades oferecidas pelo tempo presente e pelo tempo futuro. Assim, julgo muito oportuno trazer aqui, para a matéria que nos interessa, a citação de alguns excertos das Conclusões que, recentemente, o Conselho de Ministros da União Europeia aprovou neste âmbito: *“O património cultural consiste nos recursos herdados do passado, sob todas as formas e aspetos, tangíveis, intangíveis e digitais (...), entre os quais se incluem (...) coleções conservadas e geridas por organismos públicos e privados de que são exemplos os museus, as bibliotecas e os arquivos. (...) Esses recursos são de grande importância para a sociedade de um ponto de vista cultural, ambiental, social e económico e, por conseguinte, a sua gestão sustentável é uma opção estratégica para o século XXI. O património cultural é transversal a diversas políticas públicas que vão para além das de âmbito cultural, tais como as relacionadas com (...) os assuntos marítimos (...). Essas políticas têm um impacto direto ou indireto no património cultural e, simultaneamente, o património cultural tem o potencial de contribuir significativamente para a concretização dos objetivos das referidas políticas. Por conseguinte, este potencial deve ser plenamente reconhecido e desenvolvido.”*⁴ É também neste contexto que devemos inserir o tema que nos ocupa: a preservação de um património que ocupa lugar de relevo na história da gesta marítima do país e num presente que encerra múltiplas potencialidades.

Como salientei na Introdução, a suspensão da actividade de captura de espécimes com fins comerciais teve continuidade, por outras formas, naquilo que podemos designar, genericamente, como ‘actividade baleeira’. De facto, entendo que a actividade se declina hoje, entre nós, noutros aspectos que não deixam de outorgar o adequado relevo às componentes que, de forma inclu-

⁴ Ver os Pontos 2. e 8. das *Conclusões do Conselho, de 21 de maio de 2014, sobre o património cultural como recurso estratégico para uma Europa sustentável – Jornal Oficial da União Europeia*, n.º C 183, de 14.6.2014, p. 36.

siva, devem ser tomadas em consideração. Ora, neste contexto, a museologia assume lugar de relevo, se atentarmos nas infraestruturas que hoje estão aí a atestar da atenção que, nos anos mais recentes, tem vindo a ser prestada à actividade. Basta referirmos a existência de museus monográficos de grande qualidade: o Museu dos Baleeiros, nas Lajes do Pico, e o Museu da Indústria Baleeira, em S. Roque do Pico, ambos nos Açores; o Museu da Baleia, situado no Caniçal, na Madeira. Isto para além do espólio que se encontra repartido por outras instituições, nomeadamente o Museu de Marinha, em Lisboa, de que nos ocuparemos adiante de modo mais específico.

Antes de proceder a tal, convirá sublinhar aqui a importância do reconhecimento do património baleeiro. Referirei essencialmente as medidas adoptadas pela Região Autónoma dos Açores. Assim, ao nível da legislação regional, teremos de mencionar, desde logo, a respectiva motivação. E essa prende-se com elementos variados, nomeadamente: o *‘património de saberes’*, associado ao *‘valioso património constituído pelas embarcações baleeiras e a sua palamenta’*, os *‘edifícios e maquinaria’*, para além dos *‘dentes, peças feitas em marfim e osso de cachalote de reconhecido valor artístico ou significado cultural e museológico’*; o *‘acervo documental’* e até as *‘regatas realizadas com os botes baleeiros’*.⁵ Tendo por base este enquadramento, operou-se a classificação de determinados bens como *‘património baleeiro regional’*.⁶

Esta classificação veio a abranger as embarcações com a tipologia de *‘bote’* e *‘lança’*. Ainda neste âmbito, é de assinalar o relevante trabalho desenvolvido pelo Observatório do Mar dos Açores (OMA), ao elaborar o *Inventário do Património Baleeiro Imóvel dos Açores* (IPBIA), que identificou um conjunto de infraestruturas que integram um capítulo muito importante do património baleeiro em geral: complexos baleeiros; postos baleeiros; casas de botes; varadouros; rampas de varagem/alagem de cachalotes; pátios de desmancho e esartejamento; áreas de derretimento a fogo directo; fábricas de processamento; vigias; vestígios arqueológicos de locais de encalhamento

⁵ Cf. o Preâmbulo do do Decreto Legislativo Regional n.º 13/98/A (Património baleeiro regional) – *Diário da República*, I série, n.º 178, de 4 de Agosto de 1998, p. 3742. Este diploma foi regulamentado pelo Decreto Regulamentar Regional n.º 24/2000/A – *Diário da República*, I série – B, n.º 207, de 7 de Setembro de 2000, p. 4766.

⁶ Cf. Despacho n.º 1990/2012, de 24 de Dezembro de 2012, da Secretaria Regional da Educação, Ciência e Cultura – *Jornal Oficial da Região Autónoma dos Açores*, II série, n.º 248, p. 7432.

de cachalotes nos portos e estações baleeiras.⁷ Convém salientar que se deve ter em conta todo o património existente, nele se incluindo as infraestruturas que necessitam de adequada recuperação.⁸

Registe-se, neste contexto, que elementos significativos do ‘património recuperado’ (os botes) são já utilizados em regatas e passeios à vela em eventos regionais organizados com regularidade. Além disso, refira-se, como elemento interessante, que o coleccionismo de peças ligadas à actividade começa a suscitar interesse ao nível da investigação histórica e etnográfica.⁹

A museologia açoriana conta igualmente com o ‘Museu dos Cachalotes e das Lulas’, situado na Madalena, na ilha do Pico, constituído a partir da colecção privada do biólogo britânico Malcolm Clarke, que residiu nesta ilha e que dedicou grande parte da sua investigação aos cetáceos. Este museu foi instalado com a colaboração do OMA e do Departamento de Oceanografia e Pescas da Universidade dos Açores. Trata-se de um contributo muito importante para o conhecimento da espécie que evolui nas águas dos Açores e que foi objecto da actividade que nos ocupa no presente texto.

Recentemente, alterou-se a legislação regional¹⁰ no sentido de se efectuar um enquadramento mais completo em termos de salvaguarda deste património, através nomeadamente de uma estruturação dos apoios a actividades marítimo-turísticas. Como se pode colher do preâmbulo do diploma que operou estas modificações, “*A atividade baleeira, praticada artesanalmente nos Açores ao longo de mais de um século, deixou marcas bem vincadas no*

⁷ Cf. a notícia da Presidência do Governo Regional dos Açores – Gabinete de Apoio à Comunicação Social intitulada “Inventário do Património Baleeiro Imóvel dos Açores inclui 186 itens dispersos por todas as ilhas”, Horta, 12 de Agosto de 2012.

⁸ Cf., a este propósito, as locais *Antiga fábrica da baleia da ilha de Santa Maria está à venda in Açoriano Oriental*, edição electrónica de 23 de Agosto de 2014, e *Antiga fábrica nos Açores à venda in Diário de Notícias*, edição de 24 de Agosto de 2014, p. 16.

⁹ Cf., a este propósito, o programa do Colóquio *Faial e Periferia Açoriana*, 18-20 de Maio de 2014, que incluiu a conferência Jácome de Bruges de Bettencourt, *Scrimshaws de uma colecção faialense (séculos XIX-XX)* in www.faialdigital.com. V. igualmente RIBEIRO (2012).

¹⁰ Através do Decreto Legislativo Regional n.º 13/2014/A – Primeira alteração ao Decreto Legislativo Regional n.º 13/98/A, de 4 de agosto, que define e caracteriza o património baleeiro regional e estabelece medidas e apoios destinados à respetiva inventariação, recuperação, preservação e utilização. – *Diário da República*, 1.ª série – N.º 141 – 24 de julho de 2014, p. 3943.

imaginário coletivo de muitas localidades açorianas. A baleação transformou-se, assim, numa atividade-memória, celebrada e explicada nos museus, e o cachalote renasceu como objeto de culto e consumo visual, emblema da identidade dos Açores"; "Assegurada a salvaguarda deste património, interessa agora rentabilizar a sua utilização no campo desportivo e turístico, melhorar as condições da sua proteção e conservação e incentivar a formação na arte de velejar em botes baleeiros". Aí se refere ainda que tal património deve servir finalidades culturais, lúdicas, e de educação ambiental, revalorizando, assim, actividades e saberes tradicionais, estimulando o gosto pelo mar, pelas actividades náuticas e pela cultura da baleação, intensificando igualmente o relacionamento entre os museus e as escolas. Como elementos salientes do articulado, mencione-se a definição de 'património baleeiro', que agrega um conjunto muito diversificado de bens: imóveis e infraestruturas; móveis, maquinarias e veículos; embarcações; dentes, peças em marfim e em osso de cachalote; objectos de arte; acervo documental (contabilidade e registos oficiais; fotografias; registos magnéticos e de imagens). Para além disso, prevê-se a organização de uma base de dados que inclui o espólio documental, podendo ser criadas bolsas de estudo para efeitos de investigação sobre a baleação açoriana, a biologia e conservação de cetáceos nas águas açorianas, o artesanato e a aprendizagem de reparação e construção de embarcações baleeiras.¹¹

OS ELEMENTOS DO ESPÓLIO BALEIRO DO MUSEU DE MARINHA

O Museu de Marinha possui um espólio valioso no que diz respeito à 'actividade baleeira' e, em particular, no que toca à actividade tal como ela se desenvolveu nos Açores, na vertente que podemos designar por 'caça à baleia' (captura de espécimes). Sabemos hoje¹² que este espólio, para além daquele que é imediatamente visível no expositor situado na Sala 'Pesca Costeira', e no Pavilhão das Galeotas, é composto por elementos que permitem avaliar as características da actividade através de múltiplos suportes: modelos de baleeiros; outras peças de '*scrimshaw*'; medalhas; fotografias.

¹¹ Cf. os artigos 2.º, 13.º e 14.º do Decreto Legislativo Regional n.º 13/1998/A.

¹² Cf. PEREIRA (2011): 117.

Voltemos ao expositor. Nele se encontram vários elementos. Desde logo, um mapa dos Açores em que se encontram devidamente sinalizados importantes portos de baleação: Santa Cruz das Flores, Madalena do Pico, Capelas e Ponta Delgada (S. Miguel).¹³ Um outro mapa sublinha também a importância que teve a baleação nos portos de Machico e de Câmara de Lobos, na Madeira. Além disso, o expositor contém um modelo de bote baleeiro dos Açores, e respectiva palamenta, e três dentes de cachalote. Dois dos dentes contêm a seguinte menção: “Dentes de cachalote gravados por João Gomes Vieira, 1982, Ilha das Flores – Açores”. O terceiro dente é identificado pela seguinte menção: “Dente de cachalote gravado por Maria F. Madruga Gomes, 1983, Ilha do Pico, Açores”. Deve referir-se que se trata de elementos que representam um aspecto muito significativo do património no contexto da actividade baleeira. De facto, o denominado ‘*scrimshaw*’ assume hoje lugar de relevo na museologia dedicada à actividade. Julgamos pertinente recorrer aqui à definição fornecida por PEREIRA (1995): 47: “O termo ‘*scrimshaw*’ tem dois sentidos: por um lado, em sentido geral, designa uma forma de arte e, por outro, em sentido restrito, aplica-se aos diferentes produtos dessa arte. Nascido a bordo das baleeiras da Nova Inglaterra como forma de ocupar o tempo durante as longas horas de lazer a bordo, esta forma de artesanato desenvolveu-se através de um processo de gravura e escultura em dente e osso de baleia, abarcando uma grande variedade de objectos, tanto de uso como ornamentais, feitos normalmente como lembranças para familiares”.¹⁴

O que se torna interessante verificar, relativamente a estas peças, é que, numa observação atenta, elas permitem ao visitante aquilatar dos momentos vividos na arpoação do cachalote, tendo em conta o pormenor com que foram inscritos os principais intervenientes: o bote, a tripulação e o cachalote. É que são muito diversos os motivos que serviram de inspiração, ao longo dos tempos, aos artistas de ‘*scrimshaw*’. A escolha de cenas relativas à arpoação chamam, pois, a atenção para uma instância crucial da actividade. O que não deixa de ser sublinhado por um filme que é projectado no expositor. Trata-se de um filme-documentário realizado em 1949 por Robert Clarke, prestigiado oceanógrafo britânico, e que tem por título *Azorean open boat whaling in the North Atlantic*. Este filme, de que é exibido no Museu apenas um excerto, teve

¹³ O expositor contém igualmente uma baleeira de Câmara de Lobos – Ilha da Madeira.

¹⁴ Para mais desenvolvimentos sobre este ponto, cf. PEREIRA (1995): 50-72.

o apoio, para a sua realização, da ‘Atlantic Challenge Foundation’. Refira-se, neste contexto, que foi uma estadia nos Açores, nesse ano, que despertou neste oceanógrafo o interesse que viria a manifestar pelos cetáceos durante toda a sua vida, tendo elaborado a sua tese de doutoramento sobre o tema ‘*Sperm whales of the Azores*’ e publicado dois importantes estudos sobre a actividade baleeira na Região.¹⁵

O espólio visível completa-se, de forma magnífica, através de um bote baleeiro exposto no ‘Pavilhão das Galeotas’ do Museu. Trata-se de um bote com a matrícula SF-19-PB e com a menção “Oferta do Dr. Manuel Cristiano de Sousa da União das Armações Baleeiras das Flores e Corvo Lda. em 1967”. O bote apresenta-se com a respectiva palamenta. O Museu permite, deste modo, que o visitante possa apreciar devidamente, em tamanho natural, as características de um bote, nomeadamente as condições de operação e os instrumentos utilizados na arpoação. Figura ainda no Pavilhão um conjunto de painéis que esteve patente na Exposição ‘Portugal-Noruega. Duas Nações Voltadas ao Mar’, que integrou elementos sobre a baleação açoriana.¹⁶

Note-se ainda que o Museu, na sua página electrónica, confere o devido relevo à actividade baleeira. Com efeito, o texto relativo à planta do museu, na parte relativa à ‘Pesca Costeira’, menciona explicitamente “o bote baleeiro dos Açores”, o mesmo sucedendo no que diz respeito ao ‘Pavilhão das Galeotas’, nos seguintes termos: “(...) a baleeira, protagonista dessa multissecular modalidade de pesca da baleia praticada nos Açores (...)”. Vale a pena reproduzir aqui um excerto do texto que desenvolve estas duas referências, incluído naquela página, e que, numa perspectiva histórica e para realçar o papel central que o bote desempenhava, dá conta dos contornos que revestiu a actividade no passado: “(...) Na primeira semana de Agosto, nas ilhas do Pico e do Faial, todos os ilhéus estão voltados para o mar, acompanhando e participando colectivamente na tradicional e secular perseguição à baleia. O bote baleeiro dos Açores ganha particular relevo nestes dias, servindo de palco a esta emocionante aventura.

A caça à baleia é, na verdade, uma actividade árdua e arriscada que obriga a tripulação a munir-se de seis remos (três por bordo) e, a força de

¹⁵ Cf., a este propósito, «Memoires» in *Marine Mammal Science*, Vol. 27, Issue 4, Ed. The Society for Marine Mammology, San Francisco, California, USA, October 2011, pp. 899-903.

¹⁶ Cf. PEREIRA (2011): 117.

braços, encetar uma alucinante perseguição, enquanto o arpoador vai em pé à proa. Esta embarcação, com cerca de 9 a 10 metros de comprimento, de costado baixo e liso, está munida de uma pequena vela latina de carangueja e, ainda, um estai latino”.

Para além disso, nesta página, é possível aceder, na parte relativa à ‘Extensão Educativa’, a um questionário relativo à ‘Sala da Pesca Costeira’. Na respectiva Introdução, é feita referência aos diferentes tipos de embarcações que as comunidades costeiras foram desenvolvendo ao longo dos tempos, a fim de as adaptar às características locais da actividade, aí se inserindo uma questão sobre as embarcações que representam os arquipélagos dos Açores e da Madeira, e cuja resposta remete para a ‘actividade baleeira’.¹⁷

Ficariam incompletas estas impressões sobre a visita se não se fizesse referência à Loja do Museu. Esta loja assume-se hoje como um elemento extremamente dinâmico, tal é a profusão de artigos postos à disposição do visitante: um excelente acervo bibliográfico e uma enorme variedade de artigos relativos à História e às actividades náuticas em geral. Também neste contexto a actividade baleeira se encontra presente. Com efeito, a loja ostentava o volume de Robert Clarke, publicado em 1954, com o título *Baleação em Botes de Boca Aberta nos Mares dos Açores e Métodos Actuais de uma Indústria-Relíquia*, na tradução de Fernando Jorge Faria da Silva, de 2001 (título original *Open Boat Whaling in the Azores. The History and Present Methods of a Relic Industry*), e em lugar de destaque numa vitrina que proporciona o devido relevo e desperta o interesse merecido por obra tão significativa.

*

Julgo que é devida uma palavra sobre as referências bibliográficas que se propõem ao leitor. Foi minha preocupação indicar fontes susceptíveis de cobrir a generalidade dos aspectos tratados no presente artigo. Assim, por um lado, procurei fornecer textos, extraídos da imprensa, de ‘blogues’ e de alguns jornais (em versão electrónica) publicados nos Açores e no Continente, que dão conta do trabalho efectuado em matéria de preservação, valorização e divulgação do ‘património baleeiro’. Por outro lado, são referidas obras, de carácter mais geral, que abordam aspectos que permitem enquadrar a temática

¹⁷Pergunta n.º 4 do Questionário.

que nos ocupa: a historiografia, a etnografia, os contornos sociais, os dados económicos, a investigação científica, o enquadramento jurídico nacional e internacional, as novas realidades que surgiram na sequência da suspensão da actividade de captura. Por razões ligadas ao âmbito do presente artigo, verifica-se uma especial incidência na actividade desenvolvida nos Açores, mas estão igualmente presentes referências à Madeira e aos contextos nacional e internacional. A opção pela indicação de um quadro alargado permitirá, em maior medida, a apreensão de uma realidade que se apresenta multifacetada.

*

Uma nota final. O presente artigo proporcionou um excuro sobre o enquadramento que, actualmente, deve ser tido em conta quando se analisa o denominado ‘património baleeiro’. A preservação deste património é uma tarefa a que se deve dar continuidade, não apenas para se salvaguardar adequadamente a memória histórica, mas, ao mesmo tempo, para se desenvolver o conhecimento sobre esta realidade, assim se valorizando as fontes de investigação e uma divulgação que presta tributo aos actuais e diferentes aspectos de que se reveste esta actividade.

Pelos elementos que aqui se deixaram, gostaria de induzir o leitor a considerar que a apresentação museológica da ‘actividade baleeira’ (na vertente, localizada no tempo, de ‘captura de espécimes’) constitui, tão somente, um desses aspectos. Julgo, com efeito, que os elementos que hoje integram a actividade (ligados à historiografia, à análise socio-económica, à difusão cultural, à preservação e valorização do património, à investigação científica sobre os cetáceos em geral, ao desenvolvimento da cooperação, à participação activa em instâncias e negociações internacionais), pela variedade de características que encerram, pela dinâmica que têm demonstrado e pelas potencialidades que evidenciam, permitem que se estude uma actividade com passado, mas também que, de forma holística, sejam tratados, a nível nacional e internacional, os aspectos que constituem o presente e o futuro desta actividade e deste património.

AGRADECIMENTOS

Aqui fica o meu vivo agradecimento ao Comandante António Costa Canas, Director do Museu de Marinha, ao Tenente Bruno Gonçalves Neves, Chefe

do Serviço de Investigação do Departamento de Museologia do Museu, e ao Dr. Rui Ortigão Neves, Presidente do ‘Grupo de Amigos do Museu de Marinha’, por me terem fornecido os elementos da ficha técnica do filme-documentário *Azorean open boat whaling in the North Atlantic (1949)*, que refiro neste artigo.

BIBLIOGRAFIA SELECCIONADA

- AÇORIANO ORIENTAL (2009), *Clube Naval da Horta e autarquias do Faial querem recuperar património baleeiro*, edição electrónica de 22 de Maio de 2009.
- AÇORIANO ORIENTAL (2010), *Trabalho da Universidade numa exposição permanente em Museu da Baleação nos EUA*, edição electrónica de 3 de Junho de 2010.
- AÇORIANO ORIENTAL (2011), *Programa recupera 41 botes baleeiros*, edição electrónica de 17 de Agosto de 2011.
- AÇORIANO ORIENTAL (2012), *Governo vai criar roteiros sobre o património baleeiro*, edição electrónica de 14 de Agosto de 2012.
- AÇORIANO ORIENTAL (2014), *Museu da Ilha das Flores ganha “novo fôlego”*, edição electrónica de 13 de Abril de 2014.
- AFONSO, João (1998), *Mar de Baleias e Baleeiros*, Ed. da Região Autónoma dos Açores – Secretaria Regional da Educação e Assuntos Sociais – Direcção Regional da Cultura, Angra do Heroísmo.
- ALBERT I^{er} DE MONACO (2006), *Mémoires d’un navigateur. Présentation de S.A.S le prince Albert II*. Réédition de *La carrière d’un navigateur*, d’Albert I^{er}, prince de Monaco, paru aux Éditions de l’Imprimerie nationale de Monaco en 1951, éd. Presses de la Renaissance, Paris.
- ÁVILA, Ermelindo (2015), “Notas do meu cantinho: A Baleação” in *Diário dos Açores*, edição electrónica de 16 de Março de 2015.
- ÁVILA, Sérgio *et al.* (2007), *A Balada das Baleias*, Ed. VerAçor, Lda.
- BARRÉ, Michel (2003), *Açores. Les dernières chasses au cachalot*, Éditions du Gerfaut, Paris.
- BASSECHES, Joshua T. (1988), *The Scrimshaw of Manuel Cunha: Late Work from Madeira Revealed*, Ed. The Kendal Whaling Museum, Sharon, Massachusetts, USA.

- BETTENCOURT, Manuel Moniz (1996), *Os picoenses e a odisseia da baleação*, Ed. Câmara Municipal das Lajes do Pico.
- BRITO Cristina (2012), “Lulas e cachalotes: o predador calmo” in www.sulinformacao.pt, edição de 19 de Junho.
- CABRAL, Rui Jorge (2009), “Lajes do Pico reforça património baleeiro” in *Açoriano Oriental*, edição electrónica de 16 de Junho de 2009.
- CABRAL, Rui Jorge (2011), “Canoa baleeira passou de balcão de bar a museu ‘vivo’” in *Açoriano Oriental*, edição electrónica de 21 de Julho de 2011.
- CARDOSO, Fernando José Correia (2012), “O enquadramento jurídico internacional da ‘actividade baleeira’ e da protecção de mamíferos marinhos” in *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 21: 203-227.
- CARDOSO, Fernando José Correia (2014), “Quadro jurídico e negociações internacionais com incidência na ‘actividade baleeira’ dos Açores” in *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 23: 305-318.
- CHAPOUTOT, Catherine (2011), *Le Grand Cachalot aux Açores*, Ed. lulu.com, Raleigh, USA.
- CLARKE, Robert (2001), *Baleação em Botes de Boca Aberta nos Mares dos Açores. História e Métodos Actuais de uma Indústria-Relíquia* (tradução de Fernando J. F. Silva da monografia *Open Boat Whaling in the Azores – The History and Present Methods of a Relic Industry*, publicada em *Discovery Reports*, Vol. XXVI, 1954, pp. 281-354, Pr. XIII-XVIII, illus., edição do National Institute of Oceanography, Cambridge University Press).
- COMERLATO, Fabiana (2012), “A musealização da caça à baleia: proposta de análise comparada entre Portugal, Estados Unidos e Noruega” in *Anais do 2.º Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações, Florianópolis SC, Brasil – 17 a 19 de setembro de 2012*: 134-147.
- CORREIO DOS AÇORES (2009), *Clube Naval da Horta: Botes baleeiros são grandes atracções do turismo*, edição electrónica de 23 de Maio de 2009.
- COSTA, Ana Filipa (2011), *Valorização da sustentabilidade cetológica no arquipélago da Madeira, Portugal. Elaboração de um plano de formação dirigido aos operadores marítimo-turísticos e de folhetos interpretativos para os turistas*. Relatório de Estágio. Instituto Politécnico de Coimbra, Escola Superior Agrária, Licenciatura em Ecoturismo.
- COSTA, Ricardo Manuel Madruga da (2012), *A ilha do Faial na logística da frota baleeira americana no “Século Dabney”*, Ed. Centro de História de Além Mar

- Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa/
Universidade dos Açores, OMA – Observatório do Mar dos Açores , Fábrica da
Baleia de Porto Pim, Horta, Faial, Açores.
- CUNHA, Francisco (2010), “Galeria açoriana no Museu da Baleia de New Bedford”
in *Açoriano Oriental*, edição electrónica de 5 de Setembro de 2010.
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS (2013), *Museu dos Baleeiros dos EUA investe 300 mil dólares*,
edição electrónica de 18 de Fevereiro de 2013.
- DIAS, Carla (2013), “Empresário alerta para necessidade de recuperação do patrimó-
nio baleeiro” in *Correio dos Açores*, edição electrónica de 14 de Agosto de 2013.
- FERREIRA, Rita Borges (2007), *Monitorização da actividade de observação de cetá-
ceos no Arquipélago da Madeira*. Dissertação para obtenção do grau de Mestre
em Ecologia Marinha. Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências, Departamen-
to de Biologia Animal.
- FIGUEIREDO, José Mousinho (1946), *Introdução ao Estudo da Indústria Baleeira
Insular*; Separata do *Boletim Pecuario*, Ano XIV, n.º 2, Lisboa.
- FÓRUM ILHA DAS FLORES (AÇORES) (2013), *Novo livro sobre o património
baleeiro*, edição de 10 de Maio de 2013 ([http://ailhadasflores.blogspot.be/2013/05/
roteiros-culturais-dos-aco.html](http://ailhadasflores.blogspot.be/2013/05/roteiros-culturais-dos-aco.html)).
- FREITAS, Luís *et al.* (2004), *Cetáceos no Arquipélago da Madeira*, Ed. Museu da
Baleia, Machico.
- FREITAS, Luís (2011), “Museu da Baleia da Madeira: preparando o futuro” in *Patri-
mónio Baleeiro dos Açores. Herança e Modernidade*, Ed. Presidência do Governo
Regional dos Açores/Direcção Regional da Cultura:88-95.
- GARCIA, Carlos (2005), *Momentos de whale watching Açores*, Ed. Fotoletras, Edi-
ções, Lda., Torres Novas.
- GIL, Ana Cristina Correia (2012), “Museus, baleias e rádio” in *Açoriano Oriental*,
edição electrónica de 21 de Maio de 2012.
- GOMES, Francisco António Nunes Pimentel (2009), “Os Açores e a frota baleeira
americana” in *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 18: 385-392.
- HOUSBY, Trevor (1971), *The Hand of God. Whaling in the Azores*, Ed. Abelard-Schu-
man, London/New York/Toronto.
- JÚNIOR, Manuel Francisco Costa (2011), “Baleação Açoriana – Entre a herança e a
reinvenção da memória” in *Património Baleeiro dos Açores. Herança e Moder-
nidade*, Ed. Presidência do Governo Regional dos Açores/Direcção Regional da
Cultura: 118-119.

- JÚNIOR, Manuel Francisco Costa (2013), “O Património Baleeiro dos Açores. Herança e Reinvenção da Memória” in *Açoriano Oriental*, edição electrónica de 3 de Fevereiro de 2013.
- LEE, Lance R. & HALABISKY, Bruce (1999), *Twice Round the Loggerhead. The Culture of Whaling in the Azores*, Published by Star Lake Media, LLC. in association with Leete’s Island Books, Stony Creek, CT 06405.
- LOPES, Manuel (2009), *No interior do Museu de Marinha: um olhar aprofundado sobre um dos museus mais antigos de Portugal*, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de Estudos Anglisticos, Lisboa.
- MARTIN, A. R. & MELO, A. M. Ávila de (1983), “The Azorean Sperm Whale Fishery: A Relic Industry in Decline” in *Thirty-Third Annual Report of the International Whaling Commission*: 283-286.
- MARTINS, Rui & SOUSA, Maria Helena Aguiar (2011/2012), *Memória Baleeira do Faial da Terra*, Universidade dos Açores.
- MELO, Ana Carvalho (2013), “Património Baleeiro Imóvel apresentado em Angra do Heroísmo” in *Açoriano Oriental*, edição electrónica de 26 de Setembro de 2013.
- MENDONÇA, Nuno Álvares de (2003), *Memórias de um baleeiro*, Ed. do Autor, Ponta Delgada.
- MESSIAS, Rui (2009), “São Mateus. Aproveitar o passado” in *Diário Insular*, edição electrónica de 4 de Outubro de 2009.
- MONIZ, Manuel (2014), “Governo Regional quer «classificar o espaço e a memória» da Fábrica da Baleia dos Poços” in *Diário dos Açores*, edição electrónica de 4 de Junho de 2014.
- MOURATO, Paula (2014), “Candidatura do Museu da Baleia é reconhecimento de qualidade” in *Diário de Notícias*, edição electrónica de 16 de Maio de 2014.
- NÓBREGA, Tolentino de (2013), “Observatório do Mar dos Açores concluiu inventário do património baleeiro” in *Público*, edição electrónica de 23 de Outubro de 2013.
- OLIVEIRA, Cláudia (2005), *A actividade de observação turística de cetáceos no arquipélago dos Açores. Contributo para o seu desenvolvimento sustentável*. Tese de Mestrado, Universidade dos Açores.
- OLIVEIRA, Cláudia et al. (2007), *A Social-Economic perspective of the whale watching activity in the Azores*. Presented at the IWC Scientific Committee, Anchorage, Alaska.

- PEREIRA, Jorge Alberto da Costa (1995), *Peter.Café Sport*, Ed. Quetzal Editores, Lisboa.
- PEREIRA, José António Rodrigues (2011), “A baleação no espólio do Museu de Marinha” in *Património Baleeiro dos Açores. Herança e Modernidade*, Ed. Presidência do Governo Regional dos Açores/Direcção Regional da Cultura:114-117.
- RIBEIRO, João Adriano (1991), “A Pesca da Baleia na Madeira” in *História*, Lisboa: 22-27.
- RIBEIRO, João Adriano (1998), “A Pesca da Baleia nos Açores. Subsídios para o seu estudo” in *Revista Islenha*, n.º 22, Janeiro-Junho, Funchal: 97-116.
- RIBEIRO, Maria Manuel Velásquez (2012), *Colecionar na periferia. Manuel Coelho Baptista e a construção da memória açoriana (1920-1996)*, Universidade dos Açores, Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais, Angra do Heroísmo.
- SA, Nuno (2006), *Mergulho no Azul. Baleias e Golfinhos dos Açores*, Ed. Ver Açor, Lda., Ponta Delgada.
- SOARES, Alexandre (2011), “Na pista dos baleeiros açorianos de Moby Dick” in *Notícias Sábado '295*, edição de 3 de Setembro de 2011: 33-40.
- SOULAIRE, Jacques (1959), *À la recherche de MOBY DICK*, Éd. Hachette, Paris.
- SOUTO GONÇALVES (2014), “Baleias para todos os gostos” in www.faialdigital.com, edição de 15 de Maio de 2014.
- TERRA, Florêncio (1958), “A Caça à Baleia nos Açores” in *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, Vol. 1, n.º 3: 193-210.
- VENABLES, Bernard (2010), *Baleia! Os Baleeiros dos Açores*, Edição Portuguesa, Ed. Peter Café Sport.
- VIEIRA, João António Gomes (1996), “A baleação e a identidade cultural numa ilha: o projecto de recuperação da fábrica baleeira do Boqueirão – Um modelo museológico inserido em realidades locais” in *Cadernos de Sociomuseologia*, n.º 8: 95-107.
- VIEIRA, João António Gomes (2002), *O Homem e o Mar. Embarcações dos Açores*, Ed. Intermezzo-Audiovisuais, Lisboa.
- VIEIRA, João António Gomes (2003), *O Homem e o Mar. Artistas Portugueses do Marfim e do Osso dos Cetáceos – Açores e Madeira. Vidas e Obras*, Ed. Intermezzo-Audiovisuais, Lisboa.